

O complexo arqueo-biológico da Cova de Moura

(S. Salvador da Aramenha - Marvão)

Sérgio Pereira - Arqueólogo na Fundação Cidade de Ammaia
João Aires - Técnico de Arqueologia na Fundação Cidade de Ammaia
João Alexandre - Técnico de Arqueologia
Luísa Rodrigues - Bióloga no Instituto da Conservação da Natureza
Sofia Lourenço - Bióloga

Resumo

Pretendemos dar notícia de um complexo arqueológico, próximo da cidade romana de *Ammaia* (concelho de Marvão - Portalegre), do qual se destaca uma gruta denominada por Cova da Moura.

As memórias paroquiais de 1758 e a obra de Pinho Leal (1875) referem a Cova da Moura, indicando a existência de alguns vestígios arqueológicos no seu interior, que importava confirmar, dada a proximidade da dita cidade romana.

O acesso à gruta é difícil, restrito e monitorizado por uma equipa de biólogos do Instituto para a Conservação da Natureza (ICN). Esta equipa vem desenvolvendo um estudo sobre uma das maiores colónias de morcegos da Europa,

que ali se abriga.

Nas duas visitas ou prospecções efectuadas ao interior da Cova da Moura, recolhemos vestígios de exploração que poderão remontar à II Idade do Ferro prolongando-se até à Época Moderna.

Résumé

Nous prétendons faire connaître un complexe archéologique près de la ville romaine de *Ammaia* (Marvão), où l'on peut distinguer une grotte dénommée «Cova da Moura». L'accès à la grotte est difficile, restreint et autorisé par l'équipe de

biologie de l'Institut pour la Conservation de la Nature (ICN). Les mémoires paroissiennes de 1758 et Pinho Leal (1875) font référence à la « Cova da Moura » et à l'existence de certains vestiges archéologiques à l'intérieur, et qu'il serait important de confirmer, vue la proximité de la ville romaine. Outre l'intérêt archéologique, la grotte est aussi connue par l'équipe de Biologie du ICN, qui fait une étude sur l'une des plus grandes colonies de chauve-souris d'Europe, qui s'y abrite.

Grâce à la collaboration de l'équipe du ICN on a pu réaliser deux visites ou prospections à l'intérieur de la « Cova da Moura ». Les vestiges recueillis montrent que la grotte est connue et a été exploitée depuis la II^e partie de l'Age du Fer jusqu'à l'Époque Moderne.

Introdução

Em primeiro lugar, gostaríamos de frisar que um dos objectivos desta comunicação é a divulgação de um conjunto de sítios arqueológicos, alguns deles inéditos, com o intuito de poderem constituir uma proposta de trabalho para outros investigadores. Aproveitamos para sublinhar que este singelo contributo resulta da cooperação entre duas equipas de áreas e instituições distintas, a Fundação Cidade de Ammaia e o Instituto para a Conservação da Natureza - ICN.

Uma das vertentes do projecto Cidade Romana de Ammaia contempla a prospecção arqueológica na área do seu território, embora não constitua uma prioridade a curto prazo. Da realização de algumas prospecções, na área mais próxima da Ammaia tem resultado a identificação de vários sítios, relacionados com as origens e a romanização desta região.

Um desses sítios, referenciado desde o séc. XVIII, é vulgarmente conhecido por Cova da Moura, tratando-se de uma gruta, também conhecida como *mina do tempo dos mouros*. O próprio topónimo é sugestivo, indicando a presença de uma exploração mineira ou mineral, tal como sucede nos casos da Cova da Moura (N. Sr.^a da Conceição



Fotografia 1 - Localização dos sítios na fotografia aérea, de 1952, folha 230.

- Castro Verde / *manganésio*) e na Cova dos Mouros (Arga de Cima - Caminha / *volfrâmio e estanho*). A gruta é também lembrada algumas lendas de *moiras encantadas*. A proximidade da *civitas Ammaia*, bem como o conteúdo das referências bibliográficas levaram-nos a prospectar aquela área.

Em 2004, foram efectuadas duas visitas ao interior da gruta e várias prospecções nas redondezas, resultando na identificação de mais quatro sítios (Cova da Moura II, Cova da Moura III, Caleira I e Caleira), designando-se o conjunto por *Complexo da Cova da Moura*.

O complexo localiza-se a Sudeste da *Ammaia* (cerca de 1 km), à esquerda da estrada S. Salvador da Aramenha > Porto da Espada, sendo o lugarejo mais próximo os Olhos de Água, que pertence à freguesia de S. Salvador da Aramenha e ao concelho de Marvão.

No plano topográfico, localiza-se no sopé da Serra Selada (827 m), na vertente virada a Poente, junto ao vale do rio Sever, variando a altimetria dos vários sítios entre os 576 e os 620 metros. A área onde se localizam os sítios é arborizada por um denso azinhal, sendo utilizada para pastoreio de ovinos.



Fotografia 2 - Panorâmica do vale da Aramenha, com localização dos sítios; ao fundo o castelo de Marvão.

Refira-se, também, que a área é rica em recursos hídricos, com destaque para o rio Sever, que correndo a Oeste, dista do complexo 700 metros ou 10 minutos, aproximadamente.

Geologicamente, a zona caracteriza-se por terrenos devónicos, orientados de Sudeste para Noroeste, ladeados por Silúrico-Ordovíncio, abrangendo uma ampla zona que se estende de S. Julião, Porto da Espada até ao Vale da Aramenha e Escusa. As rochas predominantes são os xistos argilosos, quartzitos, grés e calcários dolomíticos. A área do complexo está representada pelo Cuviniano, através dos calcários dolimíticos, intercalados em xistos pelíticos (Fernandes, 1973; Perdigão, 1976).

A metodologia utilizada nas nossas prospecções resume-se ao registo de informação em fichas de campo, em fotografia e em representação gráfica aproximada (croqui). A recolha de vestígios materiais à superfície foi selectiva, tendo em vista a classificação tipológica e cronológica de cada um dos sítios e a valorização do conjunto.

Cova da Moura

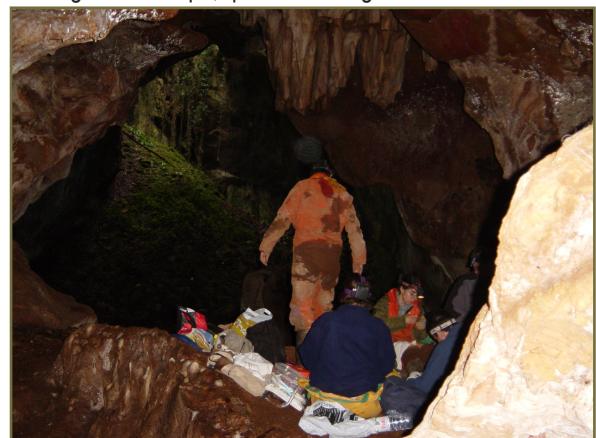
Uma das primeiras referências à Cova da Moura surgem na obra do P.^o Luiz Cardoso (1747), em que este, ao descrever a freguesia da Aramenha (actual S. Salvador da Aramenha), se refere à gruta nos seguintes termos: *Tem mais esta Freguesia huma cova profundíssima, sita no infimo da serra da Portagem, para a parte do Occidente, que terá cincoenta covados de altura, e faz para a parte Norte huma caverna tão comprida, que se não sabe o comprimento que tem pela escuridade. Foy esta cova feita na rocha de pedra viva; e dizem communmente, que foy mineral de chumbo, que já se acabou.*

Nas memórias paroquiais de 1758, publicadas por Sérgio Gorjão (1993, 59-60), o pároco da freguesia da Aramenha descreve assim a Cova da Moura: *A mesma Serra para a parte do Poente tem no princípio alguns soutos e a Nascente destes o mato de azinhal chamado Caleira, por estar todo cheyo de pedreiras de Cal preta e branca, e ter alguns fornos em que se coze, dos quais ao presente só servem dous, o arvoredo do ditto matto he do Concelho da villa de Marvão. (...) No meio do mesmo matto em outro cabeço de outra pedreira, junto a hum forno, se acha huma cova grande chamada a da Moura, a qual ainda que está já munto entulhada tem de profunda oitenta e quatro palmos, e de largo do Norte ao Sul sincoenta e seis, e do Nascente ao Poente quarenta e dous, e para a parte do Norte tem hum foy grande, e largo que segundo os Vestigios, que naquelle Círio se tem visto; dentro desta cova nasce por entre a pedra viva a erva chamada Lingua Servina, munto util para quem padece inchassos no estômago.*

A Cova da Moura merece ainda destaque na obra de Pinho Leal (1875, 117-118). Ainda que inserida na descrição da serra de Marvão, surgem novas informações sobre a gruta: *No distrito da freguesia de Aramenha, está um monte (ramo d'esta serra) chamado serra da Portagem, nas abas do qual (a O.) há uma extensa caverna de grande profundidade, e com 33 metros de altura. D'ella segue subterraneamente, em direcção ao N., outra caverna ou galeria, compridíssima, onde os curiosos se não teem atrevido a penetrar, senão a pequena distancia, por falta de luz e pela decomposição do ar, que se torna irrespiravel. As paredes e abobadas da caverna do N., são de rocha viva, e parecem feitas a picão. Segundo a tradição, conservada por estas terras, foi uma grande mina de chumbo. A história confirma a tradição; porque os romanos chamavam plumbarios (chumbeiros, mineiros de minas de chumbo) aos povos de Medobriga. Os latinos chamavam indistinctamente plumbum ao estanho. Vê-se pois que a industria mineira data, n'estes sítios, de tempos remotíssimos. N'estas cavernas tem aparecido columnas, capiteis, amphoras, cippos, medalhas de prata e de bronze, e outros objectos de muito valor archeologico. (...)* O sítio é igualmente referido na memória popular, através de algumas lendas sobre *mouras encantadas*, pelo que transcrevemos apenas uma, a título de exemplo, publicada por Maria Trasmontano (1979, 25): *Em tempos que já lá vão,*

em vésperas de manhã de S. João, chegou à porta duma mulher que morava perto da Cova da Moura, um homem que lhe pediu pousada. Como a mulher lhe a cedesse, depois de cear, pendurou o bornal que trazia numa estaca de madeira na parede interior da chaminé, foi deitar-se, e logo adormeceu. O mesmo não sucedeu à dona da casa, que cheia de curiosidade, logo que a ocasião lho permitiu, levantou-se e abriu o bornal. Como nele estavam três bolos, quis prová-los, cortou um, tendo o cuidado de o pôr sob os outros. À madrugada o cavaleiro levantou-se, pegou no bornal, e dirigiu-se à Cova da Moura onde estavam três irmãs encantadas: À primeira deu-lhe um bolo que se transformou num cavalo, que partiu a galope, levando-a para a Mourama. À segunda aconteceu o mesmo que à primeira, e à terceira, cheio de surpresa, deu-lhe o bolo partido que se transformou num cavalo coxo que, a não a poder levar com rapidez antes do sol nascer para junto das irmãs, e por isso ali ficou eternamente encantada, esperando em cada manhã de S. João o cavaleiro, que nunca mais apareceu.

Das referências à gruta sobressaem dois aspectos interessantes: o primeiro relacionado com a possibilidade de se tratar de uma mina de chumbo romana e o segundo com a presença de significativos vestígios arqueológicos no seu interior. Com o intuito de verificar a veracidade das informações, realizámos, em 2004, duas visitas ao interior da gruta, contando com o apoio da equipa de Biologia do ICN. Partindo da exploração pecuária da Herdade do Matinho, propriedade de António Lourenço Fernandes e Francisco José Dias, na direcção Sudeste, a cerca de 100 metros, encontram-se vestígios de um forno de cal (\varnothing 2,35 m / mamoia 18 m), ao lado do qual se encontra a entrada da gruta, actualmente, vedada com rede ovelheira e um portão de ferro. As coordenadas da entrada obtidas por GPS são: UTM, X – 640281; Y 4358850. Localizando-se no sopé da vertente Oeste/Sudoeste da Serra Selada, a altitude da entrada ronda os 570 metros. O acesso à gruta é restrito e monitorizado pela equipa de Biologia do ICN (Instituto para a Conservação da Natureza). Convém frisar que esta equipa tem como objecto de estudo uma das maiores colónias de morcegos da Europa, que ali se abriga.



Fotografia 3 - Equipa de Biologia do ICN, na Sala 1 (Cova da Moura)

O acesso à gruta só é possível com auxílio de material de espeleologia, fazendo-se, na vertical, por um enorme buraco (ds: 12 m x 7 m), cuja profundidade se aproxima dos 30 metros. A entrada parece ter surgido do abatimento do tecto da Sala 1, embora haja indícios de corte na rocha em forma angular (90º), nos cantos Norte e Sul, talvez para melhorar o acesso e o transporte do mineral para o exterior.

Ao descermos deparamo-nos com um grande depósito de pedra calcária, de média e pequena dimensão, encostado ao lado Nordeste-Este da entrada, e que chega a atingir cerca de 5 metros de altura. A orientação da Sala 1 é Sudeste > Noroeste, detendo aproximadamente 40 metros de comprimento, por 15 metros de largura e 20 metros de altura máxima. A entrada da gruta tem sido utilizada como lixeira, observando-se alguns objectos contemporâneos (motociclo, bicicletas, triciclo, plásticos, ferragens, entre outros).

Na parte Noroeste da Sala 1 registam-se inúmeros blocos calcários de consideráveis dimensões, à volta dos quais se observa grande quantidade de pedra solta de médio e pequeno porte. Pontualmente, observam-se orifícios (Ø 4 cm x 15 cm) relacionados com a extração de pedra, para produção de cal.

A Sala 1 forneceu mais de 50 % dos materiais recolhidos, destacando-se inúmeros fragmentos de cerâmica (105), de ânfora (4), de *dolum* (6), de vidro (3) e de *tegulae* (2). O facto da entrada se efectuar por esta sala e a própria dimensão da mesma podem justificar a maior densidade de materiais.

Verificámos ainda a presença de algumas escórias (3), aparentemente, relacionadas com o forno de cal, localizado no exterior da gruta (quando I).

Sítios > Materiais	Cerâmica	Anfora	Tegula	Later	Dolum	Vidro	Ferro	Escória	Madeira	Total
Sala 1	105	4	2	-	6	3	-	3	-	122
Sala 2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Sala 3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Galeria 1	15	-	1	-	-	1	-	1	-	18
Galeria 2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Galeria 3	19	1	-	-	-	-	2	-	3	25
Galeria 4	34	1?	-	1	-	-	-	-	-	36
Galeria 5	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
Galeria 6	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Galeria 7	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Galeria 8	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Galeria 9	-	-	-	-	-	-	-	-	3	3
Total	174	6	3	1	6	4	2	4	9	208

Quadro 1 – Materiais recolhidos no interior da gruta da Cova da Moura.

Entre os afloramentos que se localizam na parte Noroeste desta sala, observámos também uma possível lareira, já que alguma da cerâmica aí recolhida apresentava vestígios de fogo.

A Sudeste da Sala 1 existe uma pequena galeria (G.1), cujo diâmetro não ultrapassa os 5 metros, partindo daí um corredor estreito, em forma de L, cuja altura vai diminuindo, prolongando-se cerca de 6 metros. Nesta área apenas registámos a presença de alguns fragmentos de cerâmica (15), de *tegula* (1) e de escória (1). À esquerda da entrada desta galeria, num pequeno nicho, recolhemos um fragmento de vidro (CV1.04.50), pertencente a uma taça, de cronologia

romana.

Na direcção Oeste da Sala 1 existe um corredor estreito e íngreme que conduz à segunda galeria (G.2). A meio desta existe um enorme bloco, que dificulta a passagem para uma cavidade mais profunda, onde recolhemos alguns fragmentos de cerâmica comum (3). Registámos também a presença de alguns ossos de coelho, que poderão relacionar-se com a proximidade da superfície. A dimensão desta galeria não deverá ultrapassar os 8 metros de diâmetro.

A Sala 2 localiza-se a Noroeste da sala principal, seguindo por um corredor, com cerca de 7 metros. Também permite ligação com a galeria 5. Pouco conhecemos desta sala, já que constitui o principal abrigo dos morcegos, não sendo possível permanecer por muito tempo no local, de forma a evitar a perturbação da colónia. Nesta sala não foram observados quaisquer vestígios materiais.

A Nordeste da primeira sala existe um corredor estreito que dá acesso a uma pequena galeria (G.3), com 4 a 5 metros de largo e 3 metros de altura máxima, onde recolhemos alguns fragmentos de cerâmica (19) um provável fragmento de ânfora, uma pequena barra de ferro e alguns fragmentos de madeira (3).

Do lado direito da galeria existe uma passagem muito estreita, que dá acesso a uma pequena galeria (G.4) bastante inclinada (ds: 2,5 m x 3 m). Aqui foram recolhidos inúmeros fragmentos de cerâmica (34), um fragmento de ânfora e outro de *later*.

Descendo da galeria 3, por um pequeno corredor (2 m), entramos na galeria 5 (ds: Ø 5 m; alt: 3 m), na qual recolhemos apenas dois fragmentos de madeira.

Por um corredor apertado, com cerca de 2,5 metros de comprido, chega-se a outra galeria (G.6), de maior dimensão (ds: Ø 5 m; alt: 3 m). Numa parede lateral observam-se dois nichos, com indícios de terem servido como pontos de iluminação. Aqui não foi registado qualquer vestígio material.

Para a direita segue outro corredor (ds: 5 m x 2 m; alt:

2,50 m) que conduz a uma pequena galeria (G7), existindo um bloco calcário ao centro. Neste espaço, apenas se recolheu um fragmento de cerâmica.

Prosseguindo por um longo corredor (20 m) observam-se duas pequenas cavidades à direita, parcialmente inundadas. O tecto do corredor parece ter sido aplanado ou objecto de delapidação de stalactites. O final do corredor encontra-se alagado, terminando o seu prolongamento na direcção Noroeste. Todavia, à esquerda existe uma pequena passagem, perpendicular, com menos de 1 metro de altura e que também se encontra inundada (altura da água: 30 cm). O pequeno corredor dá acesso à galeria 8 (ds: 13 m x 6 m; alt:

2,5 m), que se encontra inundada e sem vestígios materiais. O acesso à galeria 9 é feito por uma passagem (4 m) muito estreita e que se encontra a uma cota mais alta. Também aqui não registámos qualquer vestígio material.

A galeria anterior permite a comunicação com a Sala 3, que detém cerca de 10 metros de comprimento por 8 metros de largura máxima. A altura é relativamente baixa, variando entre os 0,60 e 1,70 metros. A grande quantidade de guano depositada no chão impossibilitou a identificação de vestígios. A gruta termina nesta sala, distando da galeria mais afastada (G.1) 150 metros, aproximadamente. O levantamento e o croqui que propomos não descarregam a possibilidade de existirem outras galerias ou salas, existindo sempre a hipótese do respectivo acesso se encontrar obstruído.

Relativamente aos materiais recolhidos no interior da gruta, que serão objecto de um estudo mais aprofundado, apresentamos apenas alguns dados indicadores da presença humana ou da exploração da gruta. A amplitude cronológica parece ser significativa, observando-se fragmentos cerâmicos datáveis da II Idade do Ferro, da Época Romana, do Período Islâmico e da Idade Moderna.

A existência de algumas cerâmicas que apresentam pastas medianamente grosseiras, com desengordurantes, com alguns bordos de perfil em S, apontam para uma cronologia da II Idade do Ferro (CV1.04.3, 5, 20, 26, 43 e 80). Outros fragmentos, com pastas mais finas, de superfícies polidas poderão inserir-se no mesmo período cronológico (CV1.04.17, 18 e 139). Alguns fragmentos de cerâmica com decoração incisa poderão também datar deste período, embora se desconheçam, para já, paralelismos na região (CV.04.6 e 28).

A presença romana parece comprovar-se através de alguns fragmentos de vidro (CV1.04.50, CV1.04.144-146), datáveis dos séculos IV-V d.C. (Alarcão, et al., 1976). A existência de alguns fragmentos de *tegulae* oferece algumas dúvidas, não se descartando, para já, a sua real função no interior da gruta. A presença de alguns fragmentos que aparecem ser de recipientes ânforicos poderão também relacionar-se com a ocupação romana (CV1.04.45 e 100).

Existem ainda alguns indícios da presença islâmica, considerando alguns fragmentos de uma caçolla (CV1.04.8), de uma pequena panela (CV1.04.1) e de um pequeno pote (CV1.04.2), em cujas formas reconhecemos alguns paralelos, apesar das pastas sugerirem uma produção regional (Gomez Becerra, 1997).

A exploração da Cova da Moura na Época Moderna parece mais evidente, quer pela presença de algumas cerâmicas (CV1.04.35, 44, 59, 113), quer pela tipologia dos orifícios de extração de pedra. A existência de uma grande cascalheira, na entrada, constituída por pedras de calcário de médio porte, parecem proceder da extração de pedra de cal. Pela dimensão e pelo aspecto das salas, galerias e respectivos corredores sugerimos que esta actividade, não se teria prolongado muito para além da Sala 1. Tornase também interessante o facto do forno de cal, existente no exterior da gruta, deter reduzidas dimensões (\varnothing 2,35

m), comparativamente com a maioria dos fornos da região, em que o diâmetro interno ronda os cinco metros. A sua menor dimensão poderá relacionar-se com a sua presumível antiguidade.

Em relação à extração mineral referida nas fontes, que transcrevemos, não observámos quaisquer vestígios que confirmem ou refutem tal hipótese. A associação ao minério de chumbo pode justificar-se pela confusão, gerada por Frei Amador Arrais e André de Resende, no final do séc. XVI, acerca da localização da *Ammaia*. Como é sabido, aqueles humanistas proponham que fosse *Medobriga* a localizar-se nas ruínas da Aramenha e a *Ammaia* em Portalegre. Ora, tendo os habitantes de Medobriga sido apelidados por Plínio como chumbeiros, *Medubrigenses qui Plumbari* (Guerra, 1995, 35), surgiu associada a ideia de que nos arredores de S. Salvador da Aramenha existiriam explorações daquele minério.

Para alguns investigadores, existe a possibilidade de na gruta se extraír cristal de rocha, argumentando uma outra passagem de Plínio, cuja tradução aqui reproduzimos: *Refere Cornélio Boco que na Serra de Amaia, na Lusitânia, (foi encontrado cristal) com um peso surpreendente, ao aprofundarem um poço até ao nível do véu de água* (Guerra, 1995, 43). Não cremos que o poço e o aparecimento de cristal de rocha coincidam com a gruta da Cova da Moura, no entanto, fica aqui mais esse registo.

Antes de terminar, não nos passou despercebida a vandalização da gruta, por parte de alguns curiosos, que para além de inscreverem os respectivos nomes nas paredes, têm delapidado algumas das stalactites e stalagmites. Aliás, já Pinho Leal (1875, Vol. V, 118), no século XIX, tinha alertado para essa ameaça: *Na serra de Marvão há varias grutas, algumas das quaes possuiam formosíssimas stalactites e stalagmites. Em 1869 um vândalo quebrou e roubou todas aquellas a que pôde deitar o camartelo, e andou por esse reino com elles em exposição, para as vender a quem as quizesse; gabando se ainda por cima d'este vandalismo estúpido, como se fosse uma grande façanha. Vi-as no palácio de crystal, do Porto, e muitas eram admiráveis. Também trazia algumas dendrites.*

Não menos importante, que os vestígios arqueológicos identificados, o “património” biológico do sítio merece ser divulgado conjuntamente, contribuindo para a respectiva valorização e preservação da gruta.

Elementos faunísticos da Cova da Moura

A Cova da Moura é também conhecida na área da Biologia, por albergar colónias importantes de morcegos, sendo considerada em termos de prioridade de conservação, a gruta mais importante do país e uma das mais importantes da Europa.

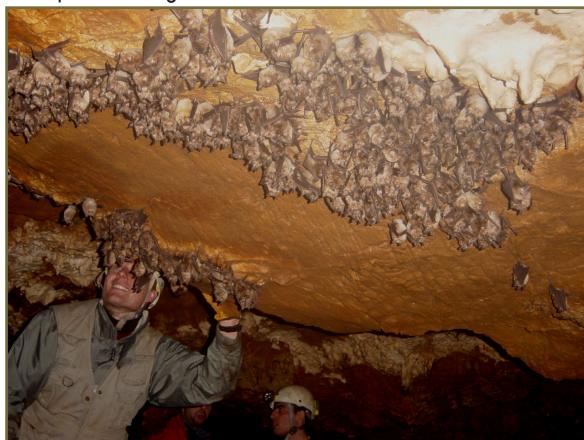
Depois de ter sido descoberta, a Cova da Moura tem sido regularmente visitada por Biólogos do Instituto da Conservação da Natureza, tendo como objecto de estudo as referidas colónias.

Entre as diversas espécies identificadas merecem especial destaque o morcego-de-ferradura-grande (*R. ferrumequinum*), o morcego-de-ferradura-mediterrânico (*R. euryale*), o morcego-de-ferradura-mourisco (*R. mehelyi*), o morcego-rato-grande (*Myotis myotis*), o morcego-rato-pequeno (*Myotis blythii*), o morcego-de-franja (*Myotis nattereri*), o morcego-de-água (*Myotis daubentonii*), o morcego de Bechstein (*Myotis bechsteinii*), o morcego-lanudo (*Myotis emarginatus*) e o morcego-de-peluche (*Miniopterus schreibersii*).

Durante a época de criação, a gruta alberga importantes colónias de criação de *Miniopterus schreibersii* e *Myotis myotis*. Fora da época de criação é ocupada por milhares de indivíduos das nove espécies acima mencionadas.

Um dos interesses científicos do sítio prende-se com a determinação da ocupação sazonal do abrigo. A utilização das grutas por parte dos morcegos é bastante variável ao longo do ano, identificando-se diversos períodos de ocupação distintos por parte de diferentes espécies. Torna-se igualmente importante seguir a evolução das populações de morcegos que ao longo dos anos têm ocupado o abrigo. Desde 1987, tem-se procedido à anilhagem de indivíduos de algumas espécies de morcegos, como por exemplo o morcego-de-peluche, permitindo estabelecer os padrões de movimentos desta espécie entre várias grutas.

Paralelamente à anilhagem, têm sido retiradas amostras de asa nos morcegos-de-peluche, de modo a realizar um estudo genético, que pretende determinar a estrutura genética da população existente na gruta e ajudar a compreender os seus padrões migratórios.



Fotografia 4 - Observação da colónia de morcegos pela equipa de Biologia do ICN (Sala 2 - Cova da Moura).

Outro estudo, desenvolvido a partir de 2003, tem por objectivo a identificação das espécies de ectoparasitas mais abundantes no morcego-de-peluche, bem como o efeito na condição e na estrutura social desta espécie de hospedeiro. A Cova da Moura é uma gruta de média dimensão e relativamente conhecida da região, tendo o potencial para atrair um elevado número de visitantes. Apesar da entrada estar resguardada por uma rede e de se encontrar em terreno privado, o seu acesso é ainda possível, havendo necessidade de restringir a afluência de visitantes.

A gruta é também de fácil acesso para predadores, tendo sido já avistadas ginetas a descer o algar para se alimentarem. Para além da predação, estes predadores/carnívoros podem também causar uma forte perturbação das colónias presentes, podendo levar ao abandono do abrigo.

Uma outra ameaça é a destruição dos biótopos de alimentação, causados pelos incêndios, como por exemplo os fogos florestais de 2003. Sendo uma colónia de grandes dimensões é necessário manter uma vasta área de biótopos nas redondezas do abrigo.

Cova da Moura II

O sítio da Cova da Moura II localiza-se a 100 metros, aproximadamente, da dita gruta, na direcção Sudoeste. Encontrando-se no sopé da serra Selada e a altitude varia entre os 600 e os 610 metros. Trata-se de uma plataforma sobranceira à gruta, abrigada e que detém boa visibilidade sobre o vale. É ainda interessante a proximidade do rio Sever. A área é actualmente coberta por um azinhal. As coordenadas UTM, obtidas por GPS, são: X- 640421; Y- 4358804.



Fotografia 5 - Azinhal na Cova da Moura II, característico do complexo.

Apesar da vegetação dificultar a identificação de materiais, recolhemos vários elementos de mós manuais, cinco moventes e duas dormentes, em granito. Uma das dormentes apresenta desgaste e concavidades nas duas faces opostas (CV2.04.16). Foram ainda identificados quatro percutores, em quartzito, três deles também utilizados como moventes. Um seixo rolado parece ter sido utilizado como cinzel, denotando vestígios de percussão (CV2.04.15). A um seixo espalmado foi afeiçoados gumes, para servir de enxó ou, eventualmente, de machado (CV2.04.14).

Recolheram-se ainda três machados, talhados e polidos em rochas anfíbolíticas, cujas secções e acabamentos precoces apontam para uma cronologia mais antiga, dentro do período Neolítico. Encontrando-se todos os exemplares fracturados, com os respectivos gumes desgastados, não invalida a sua reutilização na percussão ou noutra função.

Apesar de se observarem à superfície inúmeros seixos rolados e alguns fragmentos de quartzo, estranhos à geologia

do sítio (calcários dolomíticos), face a uma menor evidência de percussão ou de desgaste preferimos não considerá-los como artefactos.

Cova da Moura III

Em termos topográficos, este sítio é semelhante à Cova da Moura II, localizando-se, igualmente, no sopé da serra Selada, numa plataforma virada a Sudoeste, cuja altitude ronda os 625 metros. As coordenadas UTM do sítio obtidas com GPS são: X- 640723; Y- 4359517.

O terreno é relativamente plano, observando-se vários afloramentos de calcário e inúmeros morroços de pedras calcárias, resultantes da extracção de pedra para produção de cal. Aliás, mais abaixo existe um forno de cal, que funcionou até a meados do século XX.

Mais uma vez, a escolha do sítio parece ter tido em conta a proximidade do vale e do rio Sever. Não detendo uma posição estratégico-defensiva, daqui é possível dominar a paisagem ao longo do vale. A sua interligação com os sítios da Cova da Moura II e da Caleira I parece evidente. A área é ocupada por azinheiras, verificando-se uma grande densidade da vegetação rasteira.

Como se depreende, registámos, aqui, uma maior dificuldade na observação e identificação de vestígios materiais. Mesmo assim foi possível identificar um fragmento de mó (dormente), quatro moventes, seis percutores de quartzito e quatro de quartzo. Foi também recolhido um fragmento de minério de ferro.

Por último, registámos dois fragmentos de machados, polidos a partir de rochas anfibólicas (CV3.04.1; CV3.04.2). Ambas as peças denotam um aspecto grosso, com polimento apenas na zona do gume, evidenciando uma segunda utilização como percutores.

Caleira I

À direita do caminho que segue dos Olhos de Água para a Caleira, localiza-se uma elevação, relativamente plana, camuflada por um coberto vegetal, constituído por azinheiras e muita vegetação rasteira. A distância da Cova da Moura é de 500 m, aproximadamente, na direcção Sudeste. As coordenadas UTM, através da utilização de GPS, são: X- 639939; Y- 4359176.

Tratando-se de uma suave elevação não apresenta uma posição estratégico-defensiva, nem domina totalmente a paisagem envolvente, revelando-se mais discreta e abrigada. O perímetro é delimitado pela própria orografia do sítio. À superfície observam-se inúmeros afloramentos de calcário.

Neste sítio identificámos um pequeno fragmento de machado polido (CL1.04.7), dois percutores e um fragmento de minério de ferro. Foram também identificados alguns elementos de moinhos manuais, dois moventes e um dormente. Apesar do menor número de vestígios, recolhemos aqui dois fragmentos

de cerâmica sem decoração, um dos quais de fabrico manual e que sugere uma cronologia pré-histórica.

Em termos tipológicos os vestígios são semelhantes aos dois sítios anteriores, podendo remontar ao Neolítico. A escassez de materiais caracterizadores impede-nos de precisar a respectiva ocupação do sítio.

Caleira

Curiosamente, nas memórias paroquiais de 1758 o pároco da freguesia da Aramenha refere outra gruta, cuja localização exacta se desconhece: *No principio deste matto(Caleira) para a parte Poente se acha no alto de huma das dittas pedreiras hum buraco de cinco palmos de largo pello qual se desce em profundidade de vinte palmos sempre por pedra firme, e desta nasce um foyo que se enCaminha para a parte do Sul com dobrada largura, pello qual descendo outra tanta profundidade se entra em hum vão, que ter com bastante altura e vai aprofundando-se com semelhantes descidas sempre por entre pedra viva.*

Apesar das várias prospecções que efectuámos, apenas identificámos uma depressão que parece encaixar-se nestas descrições. Localiza-se a Poente do sítio da Caleira I, a 50 metros de uma habitação e de um forno de cal. A dimensão da depressão (ds: 25 m x 10 m) surgiu da extracção de calcário, servindo, actualmente, como lixeira doméstica. Observámos ainda um buraco estreito, ao qual não foi possível descer, por falta de meios.

Não sendo seguro que o sítio referido nas memórias paroquiais seja efectivamente este, registamos aqui as coordenadas UTM, talvez úteis em futuras investigações: X- 639908; Y- 4359176.

Refira-se também que este tipo de grutas e cavidades são vulgares em subsolos calcários, existindo na região outros exemplos, não estudados ou explorados, como o Prado (Escusa) ou a Cova do Aldrave (Porto da Espada).

Considerações finais

Tendo em conta que o complexo da Cova da Moura se insere numa área mais abrangente, podemos apontar como antecedentes cronológicos, o sítio do Gavião, em que os vestígios observados parecem remontar ao Paleolítico (Almeida 2002, 195).

No nosso caso, atendendo à presença de alguns machados polidos, elementos de mós manuais e uma evidente escassez de cerâmica nos sítios da Cova da Moura II, Cova da Moura III e Caleira I podemos afirmar que a sua ocupação se teria iniciado no Neolítico.

Curiosamente, os três sítios detêm condições geomorfológicas idênticas, localizando-se no sopé da serra Selada, próximos do rio Sever e numa zona limite do vale. Divididos entre a serra e o vale, poderia tratar-se de uma comunidade pastoril, que ao praticar uma agricultura incipiente, justificaria a quase

ausência de cerâmica e, por sua vez, de armazenagem. Convém lembrar, que a presença de alguns elementos de moinhos manuais reforça a existência da actividade agrícola e a respectiva moagem de sementes.

Em complementariedade, a caça e a pesca, dada a proximidade do rio Sever, garantiam uma preciosa fonte de alimento, embora os vestígios recolhidos não sejam relacionáveis.

A presença humana em sítios tão próximos, com uma cronologia e uma implantação semelhantes, tornam-se enigmáticos. Entre os possíveis cenários, não nos parece descabida a hipótese de estarmos perante a mesma comunidade que, em fase de transição para a sedentarização, ocupou sucessiva e sazonalmente as diferentes plataformas.

A presença de dois pequenos fragmentos de mineral de ferro, na Cova da Moura III e Caleira I não nos passou despercebida, embora os consideremos, para já, achados isolados.

Assim, constatamos que a presença de materiais líticos, só se verifica na Cova da Moura II, Cova da Moura III e Caleira I, contrastando com os materiais da Cova da Moura, maioritariamente cerâmicos. Uma relação directa entre os primeiros e o último sítio parece não existir, no entanto, apenas dispomos, para análise, de materiais de superfície.

Sítios >	Cova da Moura	Cova da Moura II	Cova da Moura III	Caleira I
Materiais				
Machados	-	3	2	1
Percutores	-	1	10	1
Percutor / movente	-	3	2	-
Movente	-	7	4	2
Dormente	-	3	1	-
Enxó ?	-	1	-	-
Cinzel ?	-	1	-	-
Escória / Mineral	4	-	1	1
Cerâmica	179	-	-	3
Ânfora ?	6	-	-	-
Dolum	6	-	-	-
Tegula	2	-	-	-
Vidro	4	-	-	-
Escória	4	-	-	-
Vestígios materiais	205	19	20	8

Quadro 2 – Quadro comparativo dos vestígios materiais recolhidos nos diferentes sítios do complexo da Cova da Moura.

Tratando-se de uma gruta natural, a Cova da Moura assume algumas especificidades, em relação aos restantes sítios do complexo. O seu conhecimento ou exploração parece remontar à II Idade do Ferro, não se reconhecendo vestígios anteriores. De notar, que a grande quantidade de guano de morcego depositado no interior da gruta, dificultou em muito a identificação de vestígios.

A presença romana e islâmica parece ser uma realidade, embora a dúvida persista, em relação ao mineral ou minérios ali extraídos. A inexistência de vestígios de mineração impede-nos de avançar com qualquer hipótese.

As maiores evidências recaem na Época Moderna, tendo-se extraído pedra calcária para o fabrico de cal, como atestam os orifícios de extração, a cascalheira existente na entrada (Sala 1) e o forno existente no exterior. Alguns populares referem que ali se extraía cal branca, de melhor qualidade



Fotografia 6 - Forno de cal, junto à entrada da Cova da Moura.

e pureza. Para facilitar o transporte de pedra para o exterior ter-se-á procedido ao corte da rocha na entrada, em forma angular, só observável em dois dos cantos.

A existência de inúmeros fragmentos de potes e de *dolum* recolhidos, principalmente, na Sala 1, poderá relacionar-se com a alimentação dos trabalhadores ou uma armazenagem pontual.

Também existem algumas memórias populares que recordam a descida à gruta para, simplesmente, retirarem o guano, utilizado na agricultura como fertilizante.

O simples reconhecimento da gruta não justificaria uma presença tão acentuada de cerâmica. Uma última proposta, prende-se com a possibilidade da gruta ter sido utilizada como refúgio ou esconderijo, embora com as devidas reservas.

Gostaríamos de reafirmar a importância de proteger e preservar a gruta da Cova da Moura, enquanto espaço natural, biológico e arqueológico. Esculpida pela natureza, a sua beleza só será visível para as gerações futuras, se no nosso tempo a soubermos contemplar ou estudar, sem a destruir.

Por último, um estudo mais aprofundado dos materiais ou a eventual realização de sondagens poderão constituir uma proposta de trabalho, bastante interessante, no sentido de esclarecer a realidade espacial e temporal do complexo da Cova da Moura, contribuindo de igual modo para a contextualização da cidade romana de *Ammaia*.

Agradecimentos:

Este trabalho só foi possível graças à colaboração de algumas pessoas e entidades, às quais manifestamos os nossos sinceros agradecimentos: António Lourenço Fernandes e Francisco José Dias (proprietários da Herdade do Matinho); Instituto para a Conservação da Natureza (ICN); Parque Natural da Serra de S. Mamede; Dr. João Carlos Neves; Prof. Doutor Jorge de Oliveira; Fundação Cidade de *Ammaia*.

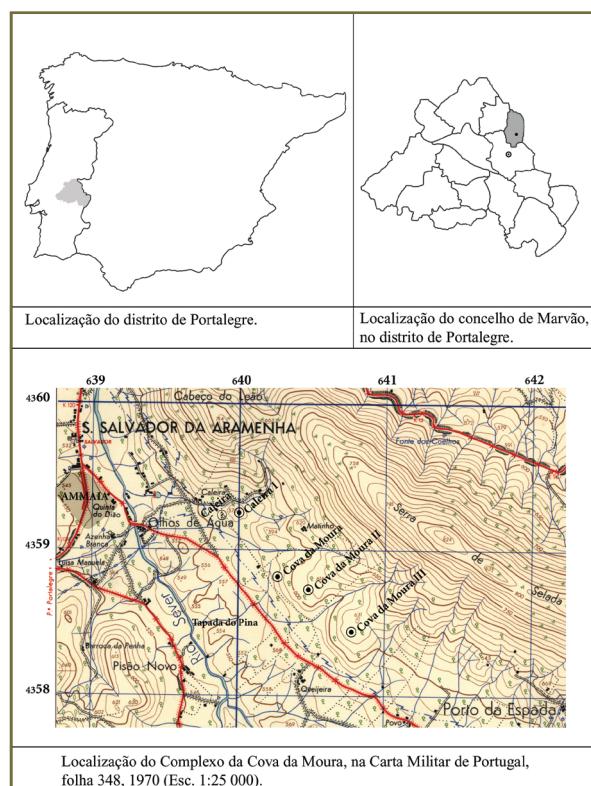
Bibliografia

- ALARCÃO, Jorge ; DELGADO, Manuela; MAYET, Françoise ; ALARCÃO, Adília Moutinho ; PONTE, Salete da (1976) - *Fouilles de Conimbriga: céramiques divers et verres*. Paris. Vol. VI, p. 193-204.
- CARDOSO, P.e Luiz (1747) - *Diccionario geographico*. Lisboa: Regia Oficina Sylviana e da Academia Real. Tomo I, p. 516-517.
- CORREIA, Miguel (1999-2000) - Contributo para o estudo do povoamento dos Vidais (Marvão): II Idade do Ferro. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 9-10, p. 117-144.
- FABIÃO, Carlos (1996) - O povoado fortificado da cabeça de Vaiamonte (Monforte). *A Cidade*. Lisboa: Edições Colibri. 11, p. 35-84.
- FERNANDES, A. Peinador; PERDIGÃO, J. Correia; CARVALHO, H. Figueiredo de; PERES, A. Martins (1973) - *Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 28-D (Castelo de Vide)*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal.
- GOMEZ BECERRA, António (1997) - La cerámica emiral y califal de Almuñécar (Granada). *Arqueología Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. 5, p. 117-135.
- GORJÃO, Sérgio (1993) - O actual concelho de Marvão e as suas freguesias nas Memórias Paroquiais de 1758. *Ibn Maruán*. Câmara Municipal de Marvão. 3, p. 58-64.
- GUERRA, Amílcar (1995) - *Plínio-o-Velho e a Lusitânia. Arqueologia e História Antiga*. Lisboa. Edições Colibri. 1, p. 42-43.
- Idem (1996) - Ammaia, Medobriga e as Ruínas de S. Salvador de Aramenha. Dos antiquários à historiografia actual. *A Cidade*. Lisboa. Edições Colibri. 11, p. 7-33.
- LEAL, Pinho (1875) - *Portugal antigo e moderno, diccionario geographico, estatístico, chorografico (...)*. Lisboa: Empréza Literária Fluminense, Lda. Vol.V, p.117-118.
- OLIVEIRA, Jorge de; BALESTEROS, Carmen (1989) - *Levantamento arqueológico da barragem da Apertadura*. Portalegre. Câmara Municipal de Marvão.
- PALMEIRIM J.M.; RODRIGUES, L. (1992) - Plano Nacional de Conservação dos Morcegos Cavernícolas. *Estudos de Biologia e Conservação da Natureza*. Lisboa. S. N. P. R. C. N. 8.

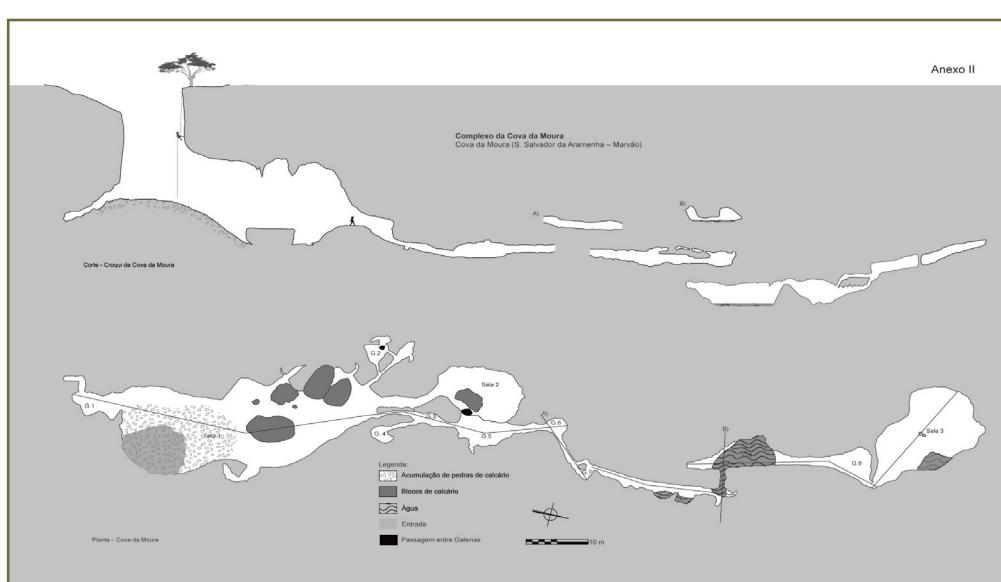
PERDIGÃO, Jacinto Correia (1976) - *Carta geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 29-C (Marvão)*. Lisboa. Serviços Geológicos de Portugal.

TRANSMONTANO, Maria Tavares (1979) - *Subsídios para a monografia do Porto da Espada*. Viseu. Assembleia Distrital de Portalegre.

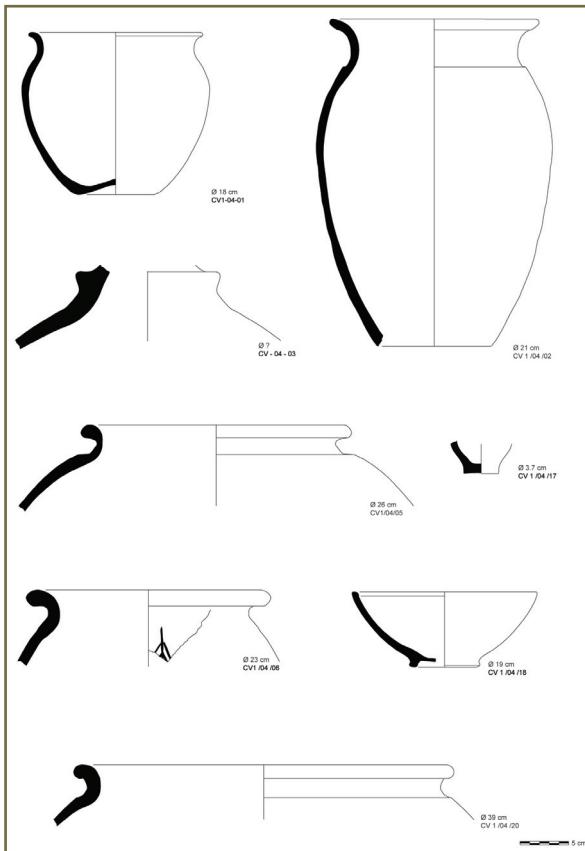
Anexos



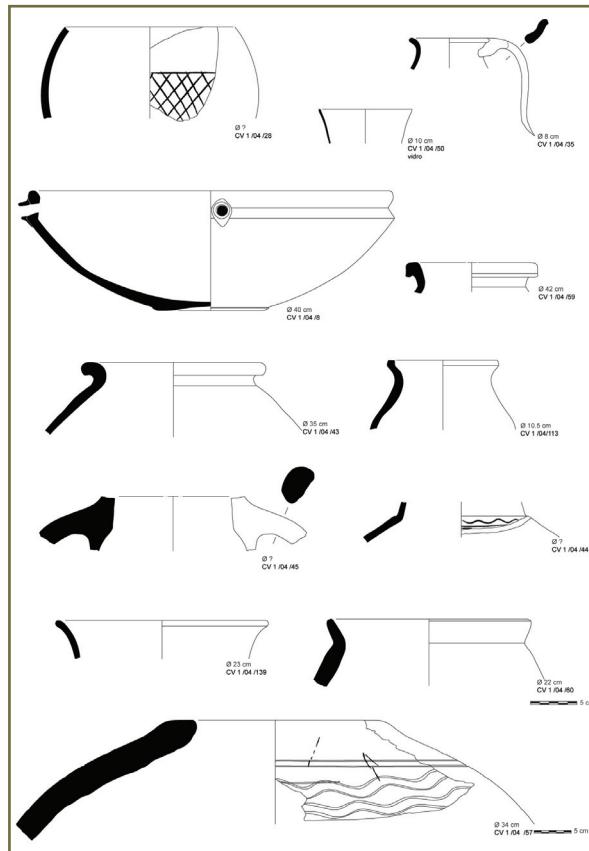
Anexo 1



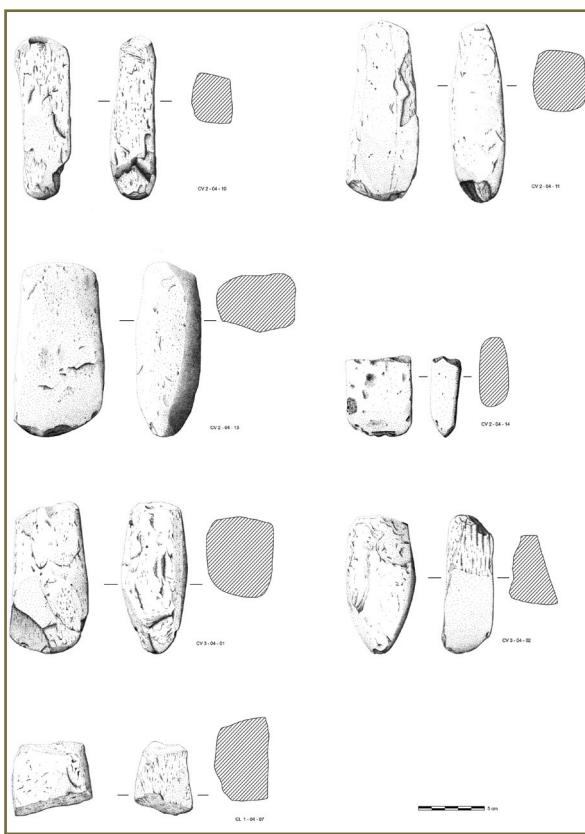
Anexo 2



Anexo 3



Anexo 4



Anexo 5